

O COCO EM FORTE VELHO: UMA POÉTICA ENTRE O RIO E O CANAVIAL

*Ana Cristina Marinho Lúcio
Diógenes André Vieira Maciel*





Uma praia de rio, um mar de coqueiros e mangueiras, casas de palha, bares, lanchonetes, barcos e pessoas. Homens e mulheres que vivem numa propriedade particular, muitos deles há mais de setenta anos, e que contam histórias de um tempo de fartura e de muita brincadeira de coco. Encontrar esse lugar não significa percorrer longas distâncias neste país imenso. Forte Velho fica bem pertinho de João Pessoa, nas margens do Rio Paraíba, no município de Santa Rita.

A propriedade é hoje administrada pelos filhos do antigo proprietário, Antônio Elias, e nestes últimos quatro anos eles começaram a investir no turismo: construíram bares, lanchonetes e uma pousada. Os moradores trabalham na coleta de frutos (manga e coco) e no aproveitamento do caranguejo; também pescam no rio e alguns plantam pequenos roçados de milho e feijão. O que lhes possibilita a permanência nas terras é o pagamento de um dia de trabalho durante a semana para os donos do chão onde suas casas estão construídas. Neste dia eles colhem os frutos e fazem serviços nas casas dos proprietários.

Durante o dia é possível encontrar muitos jovens jogando bola no leito seco do rio. As famílias se sustentam com o dinheiro do peixe e do caranguejo e com a aposentadoria dos mais velhos. Os mais jovens, que tiveram a chance de frequentar a escola, conseguem trabalho em Cabedelo ou Santa Rita e muitos, na primeira oportunidade, vão embora para outros Estados.

A venda de parte das terras da propriedade para um plantador de cana-de-açúcar da região, e mais recentemente para pessoas de João Pessoa, que constróem casas com piscinas ao longo do rio, transforma a paisagem. As casas de palha dos moradores vão sendo empurradas para o tabuleiro e os poucos roçados que ainda existem dão lugar às construções de alvenaria. Poucas casas conservam seus quintais, lugares de conversas e trabalho, onde as mulheres e crianças, na sombra das mangueiras, tiram a carne do caranguejo e mariscos.

Dos quintais das casas da Rua da Alegria, onde mora a maioria dos cantadores e dançadores de coco de Forte Velho, avista-se a cana-de-açúcar descendo a encosta. Dona Severina, esposa do cantador Joventino, diz que aqueles que querem trabalhar não têm como. Do quintal de suas casas olham para trás e “só se vê o vermelhão, minha filha. Só é cana, cana, cana, cana. Ave Maria!”.

Forte Velho é hoje um lugar de contrastes. É possível encontrar turistas com seus telefones celulares, pescadores profissionais com seus barcos equipados com a mais moderna tecnologia de rastreamento de cardumes, como também aqueles pescadores que saem para a maré em pequenas embarcações e que sabem, pela experiência, onde se encontram os peixes, olhando o movimento das águas, sentindo o cheiro que o vento traz. É possível ouvir desde os últimos sucessos dos grupos de pagode até os cocos cantados por Seu Joventino.

Estes universos distintos se misturam, se complementam. Não adianta querer ouvir dos

moradores daquela localidade apenas as histórias de encantamento ou os versos do coco. Seu Joventino, Dona Severina, Dona Joana, Seu Tuninha, percorrem os caminhos da lembrança com os dois pés fincados no presente. Um presente que é ao mesmo tempo de tristezas e alegrias. Não se brinca mais coco como antes. As pessoas que brincavam estão mais velhas e os mais jovens precisam abandonar a localidade em busca de melhores condições de vida. Passar muitos dias andando pelo mundo, brincando coco e ciranda em cada sítio que chegavam não é mais possível. Agora, Seu Joventino e Dona Joana são convidados para brincar em João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita.

Seu Joventino sempre reclama do pouco tempo para cantar seus cocos, mas gosta muito de fazer estas viagens. Se envaidece, coloca um chapéu novo, uma camisa bonita e quando volta para casa traz muitas histórias pra contar. Não são mais histórias de príncipes e princesas, mas possibilitam dias e mais dias de conversa na calçada da Igreja. Sua experiência de contador de histórias e cantador de coco se estende para as narrativas do cotidiano.

MEMÓRIAS DO COCO

O coco em Forte Velho tem um caráter acentuadamente comunitário. As brincadeiras quando aconteciam na própria localidade atraíam a atenção dos moradores, proprietários e até mesmo de amigos e parentes de sítios vizinhos. Hoje não se brinca mais coco na Rua da Alegria. Há alguns anos atrás os dançadores e cantadores se desentenderam com o dono da palhoça onde se brincava o coco. Segundo Seu Joventino, antigamente se “botava”

coco nas salas das casas, bastava pedir permissão ao proprietário. Atualmente as casas são ocupadas por mais de uma família, já que as terras foram sendo vendidas ou ocupadas com cana ou árvores frutíferas, impossibilitando a construção de novas moradias.



O cantador Joventino, conhecido por Mestre Jorge ou Jove, é quem organiza o grupo quando surgem convites para se brincar o coco em outros lugares. Nestas ocasiões se brinca o coco nos moldes tradicionais: a brincadeira se organiza em torno dos cantadores ou tiradores e do coro, formado por

mulheres que cantam e dançam na roda, descalças e vestindo saias rodadas. O acompanhamento é feito por um ou dois zabumbas e um ganzá, geralmente tocado por Seu Jove. O cantador normalmente se posiciona junto aos tocadores de onde tira os versos que são respondidos pelos dançadores que estão na roda.

Os dançadores não obedecem regras ou padrões coreográficos fixos. É uma dança livre na qual o ritmo do corpo é ditado pela batida do zabumba e a cadência dos versos, que se diferenciam a cada tirador ou coco. No centro da roda ficam duas pessoas que simulam a umbigada.

Nas conversas com Seu Tuninha, que mora na beira da maré, velho cantador e tocador de cocos e cirandas, além de ser um dos poucos que sabem fazer zabumbas, percebe-se uma idealização do passado. As suas lembranças parecem se construir em torno de algo que teve o auge em sua juventude, quando não tinha compromissos com a família, o que lhe permitia passar vários dias fora de casa brincando coco e ciranda, sendo levado pelo som do zabumba:

[...] Da barra de Goiana, Camaratuba, Mataraca, pra beira de cá, tudo eu brinquei coco... Sou mais conhecido nessa... nessa beira de praia, mais do que esses cinco dedo que Deus me deu... [...] É em coco solto, é em ciranda. E pra cantar e bater!... Eu ainda... hoje em dia é porque tô véio e vivo doente da coluna [...]

[...] Eu tava aqui... escutava, ouvia o bumbo bater, com duas légua escutava o som dele. Eu digo: pra

frente tem um bumbo bom, vou lá. Passava um dia e uma noite sem comer, só tomando cana e brincando isso aqui.

[...] Tudo arranjava caba bom pra brincar coco. Aí eu fui... caba dizia: “mái, Tuninha rapái, vamo brincar coco?” Quando era c’um... oito dia, quinze dia, chegava cá um caba: “Tuninha vamo? Tá canto tem um coco, camarada disse que você fosse como sem falta”. Eu digo: vamo! Pronto, chegava lá... eu brincava. [...]i

Falar de uma idealização do passado não significa dizer que o presente é decadente, antes de tudo é ressaltar as mudanças operadas pelo tempo na estrutura comunitária. Os tempos de juventude do cantador sempre irão ser ressaltados com uma atitude saudosista, já que o seu reconhecimento por parte da comunidade como grande tocador e cantador aconteceu no passado. Quando se reporta ao passado e narra as brincadeiras de que participou Seu Tuninha traz para o presente as alegrias vividas. Segundo Ecléa Bosi, “lembrar não é reviver mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”ii

POESIA ENTRE O RIO E O CANAVIAL

Ô rosa ô flor
Ô que rosa pra cheirar

Eu queria ser a rosa
Da roseira de láiiiii



O coco é uma dança popular fortemente atrelada à força rítmica dos versos e da música. Dança e poesia entrelaçam-se como duas faces de uma mesma moeda: enquanto a primeira contribui para a constituição dos versos, a poesia herda da dança as leis fundamentais para a sua organização.^{iv}

Nessas comunidades onde ainda não se faz necessária a figura de um poeta individual destacam-se poemas de caráter coletivo ainda subordinados ao canto, que vão antes de tudo representar a coletividade, seus pensamentos, vivências e modos de vida.^v É pensando nessas características que tentaremos entender a poesia cantada nos cocos de Forte Velho, que trata dos assuntos cotidianos, transformando-se em narrativas e crônicas sobre a vida à margem do rio e do canavial, trazendo, incrustadas, memórias de antigas brincadeiras.

Antes, no entanto, são necessárias algumas considerações gerais acerca das formas poéticas encontradas mais comumente: os cocos normalmente se organizam em duas estrofes, de dois versos ou de quatro, sendo uma do tirador (solista) e outra da resposta (coro). Os metros são os mais diversos, mesmo que haja um predomínio da redondilha. O esquema rímico é mais variado, mas também não se descartam os versos brancos.

Vejamos um coco que na maioria das vezes inicia as brincadeiras, é um coco de saudação:

Tirador — Boa noite meu povo todo
Boa noite meu pessoá

Resposta — Boa noite pra quem chegou
Boa noite pra quem chegá^{vi}



Neste coco os versos são heptassílabos e os dísticos são paralelos, havendo apenas uma sutil inversão vocabular. A rima incide apenas nos versos pares, havendo um ajuste na pronúncia para que esta se realize. Durante as festas, esse coco é sempre cantado por Seu Joventino como uma forma de apresentar as pessoas que estão presentes, de saudar o dono da casa. À medida que o coco vai se repetindo, o cantador vai trocando o primeiro verso do solo a fim de apresentar os dançadores e tocadores. Por exemplo:

Tirador — Boa noite *Dona Marlene*
Boa noite meu pessoá
Resposta — Boa noite pra quem chegou
Boa noite pra quem chegá



E assim os nomes vão se multiplicando até todos serem apresentados. Enquanto os dançadores e os convidados vão chegando na roda, o cantador aproveita pra esquentar o ritmo da brincadeira. É a função social do canto que se presta à apresentação dos participantes daquela brincadeira.

Vejamos um outro coco que também vai aparecer em momentos específicos:

Tirador — Eu tenho saudade da roxa
mamãe
Saudade da roxa eu tenho
mamãe

Resposta — A roxa tem um denginho
ô mamãe
Que as outra roxa num tem
ô mamãe¹



O coco da roxa só é cantado quando a brincadeira está muito animada, é preciso ter vários homens e mulheres na roda, que se dispõem alternados, formando pares. A dança é peculiar: os pares dispostos na roda, se viram alternadamente para a direita e para a esquerda, simulando a umbigada. No exemplo citado, os versos isolados do contexto da dança poderiam dar margem a uma análise na qual se ressaltariam os traços líricos, a temática do amor não correspondido, da mulher ausente. No entanto, ao fazermos uma análise levando em consideração esse contexto vemos que não é bem assim. Por conta da forma como esse coco é dançado, remetendo a um clima de sedução, os versos ganham uma outra interpretação: a “roxa” assume tons eróticos e sensuais, se distanciando de uma noção de lirismo “bem comportado”.

O envolvimento dos dançadores e cantadores neste clima de sedução e liberdade transforma a brincadeira, possibilitando uma análise mais geral sobre a festa: o coco se configura como espaço para a

¹ Código: 1./2. MA

contestação da opressão a que estão submetidos os moradores daquela localidade. Segundo Bakhtin, as festividades exprimem sempre uma concepção do mundo: “Não é preciso considerá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo, nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico.”^{vii}

Seguindo essa interpretação é possível questionar as suposições de que a brincadeira surgiu relacionada ao trabalho de quebrar o coco. Para José Alúcio Vilela, os negros do Quilombo de Palmares batiam as “quengas” determinando o ritmo e a dança durante essa atividade de trabalho.^{viii} É possível afirmar, a essa altura da pesquisa, que as características da brincadeira estão relacionadas ao momento da festa e não a um ritmo de trabalho.

O coco (poesia, música e dança) só acontece em momentos de festa. Mesmo assim, a poesia associada ao canto permeia outros momentos da vida desses cantadores: enquanto se lida com a lavoura ou nas tarefas domésticas, os versos vão surgindo na memória para acompanhar estas atividades cotidianas.

Os cantadores na véspera de São João, até pouco tempo atrás, brincavam durante toda a noite, era uma época em que ainda se podia escolher em Forte Velho entre o coco e o forró. Brincava-se até o romper da aurora, quando cantadores e dançadores, em grupos diferentes de mulheres e homens, saíam para um banho de rio:

[...] No tempo que havia animação. [...] ... o coco se cabava quatro hora da manhã... vinha todo mundo pra o rio... tudo dançando caminho a fora. Pois bem. Lá vai... de cachaça ou de vinho. E é tudo uma animação pra quem gostava da brincadeira. Muita mulher, muita moça. Mulheres casada, tudo isso! Tinha negócio de dizer: “ai porque vou não...” E todo mundo brincava. E era... e havia respeito, não havia briga. Era Inhora sim. Dois zabumbeiro bom, dois ganzá... Oxente! E a lá o pau do sol!... E nós batendo...^{ix}

Tirador — Meu senhor São João

Eu vou me lavar
As minha mazela
No rio vou deixar

Resposta — Meu senhor São João

Eu já me lavei
As minha mazela
No rio deixei^x



Semelhante aos cocos anteriores esse é um coco próprio para uma situação específica: o banho de rio na madrugada do dia vinte e cinco de junho. São versos em que se repetem, praticamente, as mesmas estruturas sintáticas; sendo o dístico do tirador construído a partir de uma ação a ser executada, enquanto a resposta remete à ação já concluída. A água comparece como elemento purificador, provavelmente pela presença do São João, santo este que na tradição cristã batizava os fiéis no Rio Jordão.

Em todas essas formas enumeradas até agora destaca-se o diálogo entre o coro e o cantador, forma essa que é uma das mais usadas. No entanto, há ainda uma outra forma muito frequente às rodas de coco: é a embolada, ou coco de improviso, distinta daquelas outras emboladas das feiras, em que se destaca a disputa entre dois cantadores, acompanhados pelo pandeiro, e dissociada da dança.

Seu Tuninha falando baixo e ritmado, enquanto raspava um bojo de zabumba que estava fazendo, lembrava dos seus tempos de embolador e tocador. Em meio às batidas do facão na madeira ele cantava uma embolada, forma na qual os versos do coro passam a funcionar como um refrão, enquanto o embolador segue improvisando as quadras seguintes.

Resposta — Limoeiro tin tin
Limoeiro tá tá
Tomaro [= tomaram] meu amor
Eu vou chorá

Tirador — Na varge da Paraíba
Tem quatro usina bonita
Ô Sant’Ana ô Santa Helena
Ô São João ô Santa Rita

(Resposta)
Tirador — Tuninha aonde canta
O povo dali não sai
Os pagão que tá chorando
Se cala não chora mái [= mais]

(Resposta)

Tirador — Os pagão que tá chorando
Ai se cala não chora mái [= mais]
As mulher larga os marido
Filho desconhece os pai^{xi}



Ele dizia:

Isso é um coco de embolada, o caba canta duas, três horas sem parar, o suor pinga e a negrada toda no meio do salão; mulher que só a gota e o caba embolando isso aí e o gemedor gemendo. O caba passa duas hora, o suor pinga, se o ganzazeiro num tiver bom o bumbo fica sozinho. [Riso]

O primeiro improviso se constrói pela sucessão dos nomes de usinas, marca muito forte da paisagem local. Coincidentemente São João e Sant'Ana são os santos mais festejados do período junino, no entanto as usinas não têm nenhuma relação com a fartura característica desse período do ano, muito pelo contrário, elas representam a diminuição dos espaços para a plantação das lavouras de subsistência em oposição à monocultura da cana-de-açúcar.

Forte Velho está inserida numa área de plantação canavieira, que ao longo dos anos vem se configurando como uma região de intenso movimento migratório motivado pela oscilação da mão de obra que trabalha no plantio e colheita. Este movimento se estende até as áreas de plantação em Pernambuco, de Goiana à Nazaré da Mata.

A mesma temática aparece em muitos outros cocos, desde aqueles registrados por Mário de Andrade em 1929 até os cantados hoje em dia não só em Forte Velho, mas também em todas as regiões onde se brinca o coco. Vejamos:

Tirador — Usina Grande quando apita
É tão bonito o que se oice [= ouve] em Nazaré
Resposta — Os operário se levanta à meia noite
Vai trabalhar na Usina São José^{xii}



Os versos denunciam um tempo no qual ainda era possível pensar na presença das usinas na paisagem de uma forma menos ameaçadora, elas indicavam não só a chegada da modernidade mas, principalmente, a possibilidade de empregos. Hoje, as usinas representam a expulsão dos lavradores da terra que sofrem com a falta de lugar para plantar e colher. As usinas também vêm prejudicando a atividade de pesca já que despejam o vinhoto nas águas do Rio Paraíba.

O Rio Paraíba e seus vários braços servem como local de trabalho e vias de circulação. Os pescadores utilizam pequenas embarcações para a pesca de rio, e também pescam no mangue. Um dos caminhos para se chegar em Forte Velho é tomar a barca no porto de Cabedelo e seguir pelo rio, passando por Costinha e margeando a Ilha da Restinga. O barco que chega trazendo as pessoas da cidade é o mesmo que leva a feira semanal, os estudantes e os turistas. A barca também é cantada nos cocos de Seu Joventino:

Tirador — O mestre da barca nova
Me chamou pra trabalhar
No rio tem água doce
Lá fora tem quebra-mar

Resposta — Ai Manoel vinha no leme
Debaixo de um aguaceiro
Avisa os meus camarada
Sou mestre sou canoeiro^{xiii}



Em outros cocos, o cantador passa a identificar-se com o narrador, aquele indivíduo que retira da experiência particular o que conta e incorpora esta, e também as de outros, à dos seus ouvintes^{xiv}, Os cocos acabam trazendo em sua estrutura a narração de fatos históricos ou ainda apenas uma simples crônica diária. Seu Tuninha deixa isso bem claro quando explica o coco de Anicácio:

Tirador — Pra onde vai Anicácio
Com tua grande carreira
Resposta — Vou atrás de João Cambenza
Que vai levando Roseira^{xv}



Ele diz que Roseira era a mulher de Anicácio, e que ela fugiu com João Cambenza. Se observarmos com atenção perceberemos a duplicidade nas vozes. Há um diálogo propriamente dito: o tirador faz a voz “do outro” e a resposta é a voz personificada de Anicácio. São pessoas que parecem ter vivido ali naquela localidade, havendo uma relação de proximidade entre os supostos personagens e os membros da comunidade, passando assim, o fato, a fazer parte da crônica local. Houve uma transformação de uma vivência pessoal em uma canção, aproveitando o tema da mulher que deixa o marido por outro. Há uma aproximação da experiência daquele que canta com a dos que escutam.

O coco em Forte Velho constitui um importante traço da identidade cultural daquelas pessoas. Através dele se fala de um mundo cotidiano de trabalho e de lazer, de universos de experiências compartilhadas que se transformam, na voz dos cantadores, em crônicas de uma vida inteira.

ⁱ Depoimento de Seu Tuninha gravado em 12/09/1997.

ⁱⁱ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55.

ⁱⁱⁱ Coco cantado por Seu Joventino.

^{iv} A dança também fez a sua parte, presente como sempre esteve no berço da poesia. Se a poesia herda da música as leis fundamentais da sua constituição, a dança não deixou de contribuir para a organização rítmica dos versos." SPINA, Segismundo. *Na madrugada das formas poéticas*. São Paulo: Ática, 1982, p. 17.

^v Idem, p. 2-3.

^{vi} Optamos pela utilização das denominações tirador e resposta já que a nossa análise está baseada nos cocos cantados em momentos de festa ou em entrevistas. Durante as brincadeiras os cantadores dão primeiro a resposta, para que os dançadores aprendam e repitam, e só depois é que eles tiram o coco, ou seja, fazem o solo. Quando os cocos aparecem durante as conversas o cantador inicia com o seu solo e canta depois a resposta.

^{vii} BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1993, p. 7.

^{viii} A este respeito veja observações contidas no ensaio de Maria Ignez Novais Ayala, "Os cocos, uma manifestação cultural em três momentos do século XX", nesta edição, e anteriormente publicado na Revista do IEA, Estudos Avançados, 13 (35), 1999.

^{ix} Depoimento de Seu Joventino (09/05/1998).

^x Coco gravado em 02/05/1998. [*Nota dos Organizadores*: este coco faz parte do repertório predileto dos cantadores e dançadores de Jacumã, município do Conde, PB].

^{xi} Coco gravado em 12/09/1997; registro em vídeo do acervo do LEO.

^{xii} Coco cantado por Seu Joventino em 13/04/1996.

^{xiii} Coco cantado em 23/11/1997.

^{xiv} Cf. BENJAMIN, Walter. "O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: – *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

^{xv} Depoimento de Seu Tuninha gravado em 12/09/1997.